

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevistadora: Laura Marandino Diaz

Entrevistado: Magno Rodrigues Faria

São Paulo, 4 de junho de 2024

Laura

Hoje é dia quatro de junho. Estamos na biblioteca da Acaia, dando início a entrevista com Magno para o projeto Acervo de Múltiplas Vozes, sob coordenação da professora Sumaya, da ECA. Você autoriza a gravação?

Magno

Sim.

Magno

Acabou era isso aqui. Obrigado. Ótimo estágio. (risos).

Laura

Vamos começar. Primeiramente, você poderia se apresentar pra gente?

Magno

Converso com você sempre né? É isso? Ou falo com a câmera? take um, take dois. (risos).

Laura

Acho que fica à vontade assim, é uma conversa mesmo.

Magno

Eu sou o Magno Rodrigues Faria. Rodrigues, que vem da minha mãe, que nascida e criada em Guaianases, lugar onde eu nasci também, e Faria, que vem do meu pai, que é o Adão Genuíno Faria, nascido em Minas. Gêmeo de mulher, meu pai Adão, minha tia Eva. Nessas histórias de causos do interior, já começa a habitar nas piadas também, isso também me molda bastante.

Nascido e criado em Guaianases, fiz o ensino médio numa escola técnica, na Aprigio Gonzaga. Fiz Universidade de São Paulo, pedagogia, depois de quatro vezes tentando, as primeiras vezes das tentativas não fui aprovado e era ciência da computação. E aí, por raiva, entro na educação, que é algo que me movimenta bastante. Raiva né, um sentimento não quisto, um sentimento de movimento, que nos faz ver as injustiças. E pelas injustiças e pela raiva que eu estou na educação. Eu acho que isso me define bastante.

Assim, e no meio disso tudo, você desenvolve estratégias para trabalhar com educação, e uma delas, que eu acho que talvez seja o mote da nossa conversa, é a contação de histórias né? e a oralidade nas histórias. Mas em poucas palavras, acho que é isso. Esse sou eu.

Laura

Aham, e você poderia falar um pouco assim da sua formação? Talvez...

Magno

Então, é isso né, técnico em eletrônico, esse vislumbre de ser, de trabalhar com a parte de tecnologia. Meu pai trabalhava na Philco quando era pequeno. Então, ele perdeu esse emprego porque ele não

tinha estudado. Ele resolveu não estudar ali porque ele tinha outros planos de abrir o próprio negócio, aí ficou isso na minha cabeça, isso são histórias de quando eu escutava, quando eu era bem pequeno, então é uma elaboração que eu acho que nem condiz com a realidade muitas das vezes.

Mas tem uma, uma coisa dessa ficção que a gente vai criando para contar sobre as nossas próprias histórias, o que que é memória, e o que que é imaginação. E essa já é um, um ponto aí de pensamento. Mas o fato fez com que eu estudasse para assumir essa vaga de novo na Philco. Então, para trabalhar na Philco, ou em qualquer outra indústria de televisões e eletroeletrônicos, eu fiz eletrônica e o caminho era a computação. Não conseguindo, fui para Pedagogia, onde me formei.

Laura

E de onde veio assim essa “ai não passei, vou pra pedagogia”? (risos).

Magno

Puts, tem... é bom você interromper. Tem, tem uma troca aí né? Bem interessante de pensamento.

Assim foi um clique que se deu por mil motivos. Acho que a gente pode até conversa sobre isso, mas a partir do momento que não passo a primeira vez, eu me sinto muito burro. Sempre tirei notas azuis, sempre fui um bom estudante, fui um bom estudante, não ótimo, mas um bom estudante. Tirei as notas, notas boas e eu achava que isso era suficiente. E quando faz um vestibular, que ninguém tinha me mostrado direito como é que era, passo para a segunda fase. A primeira vez que eu passei a segunda fase, eu não sabia que a prova era dissertativa e então algumas coisas meio, meio básicas. Assim qualquer ser humano deveria saber. E aí eu começa a perceber que no meu entorno, lá em Guaianases, não era só eu que não passava, ninguém passava na faculdade de educação, ou em qualquer faculdade da USP ou qualquer pública. Ninguém nem ia para a UNESP, que tem uma nota de corte mais baixa, que você tem que se locomover pro interior. E nem todo mundo está disposto a fazer essa aventura.

Aí deu um clique que o problema não era eu. Daí, quando você clica, eis que o problema não sou eu. Não. E aí eu tenho, tinha, tinha porque um tio faleceu, tio Antônio, e a tia Beth que está viva ainda, sempre muito ligados a movimentação e políticas de, de bairro, de melhoria do bairro de Guaianases. Então tinha uma ideia de ir vereadores ou candidatos a vereadores indo, chamados, tomando chá na casa deles para resolver como faz a questão das enchentes que tinha em Guaianases e eles eram muito vinculados ao Partido dos Trabalhadores e sempre carregava essas discussões, falando o que a imprensa já trazia ali né?

E aí nisso mistura toda essa formação política de base. Eu tenho um caderno do quarto, da quarta série que o que você quer ser quando crescer? E eu estou lá na televisão: Magno Presidente. (risos). Então tinha essa projeção política ali, com dez anos de idade. Tem um texto meu xingando uma coligação do PT com PSDB com dez anos de idade. (risos). Como é que o Zé Dirceu abre mão e vai apoiar o Covas? E o Covas, O PSDB, entra em São Paulo naquele ano e eu, como estudante na universidade pública, vivi todas as mazelas que o Partido Social Democracia Brasileira apresentou para universidade pública, o sucateamento dela. Vocês viveram na universidade, vivenciam, vivenciou. Para quem não sabe, o Bryan. Estou conversando aqui com duas pessoas e duas câmeras. (risos). Uma loucura só para quem for ver o vídeo não achar que eu sou maluco.

Mas er... vocês vivenciaram o sucateamento da universidade pública na condição de estudantes do, do normal.

Laura

Sim

Magno

E teve manifestações na época que vocês estavam. Vocês acompanharam a entrada da Polícia Militar dentro do campus. Tudo são coisas muito recentes e todas advindas dessa aliança que eu critiquei com meus dez anos de idade. (risos). Não, não vai dar certo. Dez anos, não era isso.

Laura

Você já tava...

Magno

E aí essa percepção de que, de que existe política desde pequeno, e como esse clique de que o problema não é individual, e sim um problema de ordem coletiva. Não, não tem vaga para todo mundo, tem... Vai dando uns cliques. Daí você percebe que tem o MSU, que é o Movimento dos Sem Universidade, que nem sei se existe ainda, acho que não tem mais. Mas tipo, tem o Movimento dos Sem Universidade, daí são várias coisinhas que vai disparando, que faz você ter um clique, que o problema não é você. O problema daí, com meus dezenove, vinte anos, coloquei que o problema era a educação.

Uma vez falei assim o problema são os professores, culpabilizei mesmo. Eu não tinha conhecimento nenhum, não tinha estudo, não tava na faculdade ainda. E para mudar não o mundo, porque eu sabia que isso é uma coisa com uma proporção muito gigante, nem o Brasil, mas eu entrei na faculdade de educação para mudar o ensino na zona Leste, então era bem específico assim, essa era a minha vontade de trabalhar com educação, porque eu não queria, não queria que outras pessoas passassem por esse, essa penúria.

E eu acho que esse clique foi uma coisa tão assim, clique que deu na cabeça que eu precisava contar para outras pessoas que o problema não são elas: Existe um projeto de sociedade que não contempla a periferia da cidade de São Paulo. E eu sou uma pessoa que tá ali e que não tava arrumando trabalho, não tinha emprego, tinha uma pressão.

Daí comecei a trabalhar com circo, teatro, porque eu tenho formação técnica, eletrônica. Então essa formação de circo, teatro me possibilitou entrar na área técnica. Então operei som, luz e era o grupo de circo Teatro La Mínima, que era um grupo de considerável excelência assim no que se fazia.

Então eu comecei a trabalhar viajando cidade, viajando o Brasil através do teatro de circo e ao mesmo tempo tentando entender que aquele também era um trabalho precarizado e que eu não precisava ficar nesse trabalho porque eu precisava continuar estudando.

Aí, uma vez que eu não estava mais estudando, foi a quarta vez que eu prestei. Prestei só para, porque eu tinha conseguido isenção. E força aí né? Quais são as importâncias das políticas, né? Se não tem isenção, eu não prestaria. Prestei sem, só porque tinha isenção e era de graça e tava pensando em começar a ver como é que pagaria uma faculdade.

Estava começando o Prouni, 2005, ainda não tinha o Prouni. Estava iniciando, na verdade. E aí eu passei na primeira fase, sem estudar, não, tá, não vou desperdiçar.

Saí dos trabalhos e comecei a me internar na biblioteca para poder estudar história e geografia, que era as matérias da segunda fase. Então, quando chega nesse lugar assim e daí quando eu passo é um peso que sai das minhas costas e tudo mais.

E aí essa raiva dá lugar também para entender qual é a fronteira entre a raiva e o amor, né? Não o amor no sentido banal, aí que alguns, algumas pessoas que se dizem teóricas trazem para educação, mas no sentido de acho que mais da Hannah Arendt mesmo sabe? Tipo de amar o mundo, né? Como uma responsabilidade que a gente tem que trazer e proteger esse mundo e preparar para que ele seja possível que outras pessoas habitem de maneira mais interessante do que a gente habitou.

Não pensar no amor e raiva como antagonicos, mas sim como fronteiriços e que geram movimento. Então, acho que estou na educação e trabalho na educação e passei em vários lugares da educação, desde escola pública, já trabalhei em escola pública, também em escola particular e hoje estou nessa.

O instituto Acaia que é um, surge como uma ONG, é uma instituição privada, mas com interesse público, a escola se classifica na ideia de filantrópica. Então 80% dos estudantes tem bolsa de 100 % aqui dentro, então tem 20% que pagam, uma espécie de cota pagante. São familiares que acreditam que isso aqui é um espaço legal de educação para seus filhos também. E que a gente também aposta nessa, um atendimento mais individualizado, são pequenos grupos, tem uma turma por série, então são 25 por turma. A gente sabe a vida de todo mundo, né? Então isso tem prós e contras. Não sei. O Anonimato tem seus benefícios. (risos).

Mas é. Mas é isso. E nesse, nesse lugar de acreditar num projeto, acredito nesse projeto, dessa instituição não menos do que da escola pública, acho que é o grande projeto, que não deveria existir instituição privada. Se educação privada... Não sei como é que vocês estão no debate, na Universidade de São Paulo, sei que é difuso, sei que tem várias vertentes. Hoje acho que é mais do que já tinha até. Mas a terceirização, a privatização, às vezes parece que é uma atividade. Eu ainda encaro como uma, uma utopia que tudo fosse público e você cuidasse de maneira equânime.

Laura

E quando você entrou na faculdade, você sentiu que tipo? Como se sentiu assim? Tipo, você tinha essa cabeça entrando de mudar as coisas, ou pelo menos mudar a educação na zona leste, poder fazer uma diferença pra algumas pessoas, e tipo, como foi essa experiência assim na faculdade, na USP, na pedagogia?

Magno

Ela foi bem diversa. Foram cinco anos em um curso de quatro. Consegui fazer em cinco porque é isso, primeiro tenho que corrigir um déficit de ritmo que eu tinha em relação a estudante que estuda em escola particular. Por mais esforçado e bom aluno que eu era e tinha estudado, acho que tem uma coisa para ir correndo atrás, ritmo de leitura.

Então pega. Não deve ter mudado, mas a quantidade de leitura que existe assim, por uma semana do ser humano dentro da Universidade de São Paulo, por mais que não seja um curso exclusivo, ele incita uma exclusividade e é, trabalhando ao mesmo tempo, isso acaba ficando meio rarefeito. Então que a grande discussão: acesso e permanência. Como é que você permanece lá?

Então? Está lutando para permanecer. Para fazer isso, eu tive que estender o curso, fazer quatro aulas por, por semana, não cinco. E aí tinha um dia para fazer essas leituras, de maneira muito organizada. (inaudível) tinha que trabalhar, minha mãe em situação de desemprego. Tinha duas irmãs também que estavam no ensino médio ainda, também sem muito dinheiro. Estou dizendo essas coisas que parecem que são banais assim não, mas elas são determinantes para determinar o percurso.

Laura

Claro

Magno

A vida, eu só consigo fazer viver a vida acadêmica no último ano, que é depois de ter trabalhado durante a graduação inteira, trabalhei numa escola que me deu uma boa, boa remuneração, uma escola particular na época, dá uma boa remuneração, acima do que se pagava ali na época, para eu pedir demissão dessa escola, para poder fazer uma iniciação científica no último ano, para viver uma vida acadêmica de fato, foi o último ano. Assim, a vida acadêmica.

No mais, fui um estudante regular, assim, bom, no que me propus a fazer, que vai, uma média ponderada nove assim, então, acho que tipo, vestibular uma grande balela, porque, afinal de contas, não é isso que determinou a minha entrada ou não. Em relação às expectativas de mudar o ensino da Zona Leste e culpabilizar os professores, na faculdade você complexifica isso e existem mais coisas

entre o céu e a terra do que supõe a nossa vã filosofia. E aí chega nesse ponto que, que você vê que más condições de trabalho, rede pública, desigualdades sociais, as questões da economia, da filosofia e o engajamento estudantil. A minha vida no centro acadêmico, a minha vida dentro do movimento estudantil de pedagogia organizado, a saída dele, a treta com ele. (risos). E os Estágios nesse sentido, os estágios mal sucedidos, as boas disciplinas com os ótimos professores e professoras, as péssimas decisões de alguns professores dentro do espaço escolar, do que se diz a maior faculdade da América Latina. Enfim tudo, o que é legal da faculdade de educação é que tudo faz parte do currículo, até uma aula ruim é aquilo que você não quer que aconteça. (risos).

No último ano eu tinha habilidades de confrontar com os professores da USP, que eram meio que sacralizados assim, é o professor né? Até alguns professores que me ajudaram nisso né? A Martha, sua mãe, é uma pessoa que ajuda bastante né? nesse sentido de desmistificação da figura do professor, tanto que a gente se tromba né? É isso, ela manda um zap pra mim e eu chamo ela de prof de tiração de sarro.

Laura

Você teve aula com ela?

Orador

Tive, tive tive. Eu fiz duas matérias com ela, muito boas. E Ghanem, Jaime Cordeiro, Rosângela. Marcos Ferreira, Marcos Neira, então são os professores assim, que são mestres naquilo que eles fazem, não necessariamente por uma excelência, mas pela humanidade que eles trazem pra aula. Saem desse pedestal. Alguns professores, que nem vou mencionar o nome aqui, mas acho que até devem ter se aposentado, tomara, são um desserviço em relação a isso né? nessa hierarquização dentro da educação, nessas, nesses grandes patamares e que não condiz mais com a realidade do chão da escola. Então ficam, não que precise uma aula de filosofia necessariamente estar articulado, mas interessante de fazer né? Conexões, pra a gente que começa na universidade. É uma universidade eurocêntrica né? Isso eu não tinha tanta consciência, foi, fui me racializando durante a minha vida universitária. Eu acho que isso é uma coisa legal da USP né? De não ser uma faculdade. Eu tenho uma vida universitária, então eu vou na Sociais e faço Topologia da sociedade multiracial brasileira segmento negro com Kabengele Munanga, vou no Eduardo Navarro e faço as aulas de Tupi né? Tento me inscrever em mímica 1 várias vezes lá na ECA, e todas as vezes negada. É uma pena. Adoraria ter feito mímica. Mas é de pensar de que, para trabalhar com educação, você tem que viver a universidade. Assim todas as relações e todos os entraves que eu tive no tempo com professor, com outros estudantes, outras estudantes, dentro Centro acadêmico, fora da acadêmico, com a Polícia Militar... me dá uma espécie de musculatura para enfrentar uma reunião pedagógica.

Lógico, não vou chegar tipo com cartaz né? Afinal de contas os papéis são outros, mas é saber a hora que você se inscreve, como é que você articula ou faz o bom uso da sua palavra, o bom uso das suas anotações. Isso é a vida como ela é dentro da rede, da escola. E é legal para você pensar a gestão da sala de aula também com os estudantes.

De saber o que que é isso? Então, ela me ensina a estudar também. Eu acho que isso, isso é bom, mas de algum jeito, embora eurocêntrica, ensinar, estudar faz com que eu descentralize e descolonize meu próprio currículo, que eu reveja as minhas referências né? E, a partir disso, comece a pensar a vida pós faculdade.

Porque, afinal de contas, é isso né?

Laura

E agora?

Magno

E não é que eu sou a primeira geração de faculdade da minha família, eu sou a primeira geração de ensino médio da minha família. Então o que se faz depois da faculdade? Arruma um trabalho. Aí arrumo trabalho, trabalho em lugares usuais, trabalho na Bienal de Arte, que é um espaço super não usual, porque auxiliei durante os estágios o Carlos Barmak, que ele me indicou para trabalhar como supervisor de educadores. Eu estava viajando com o La Mínima no Peru e o fato de ter ido para o Peru fez com que eu não, que eu não conseguisse fazer entrevista, porque acho que se tivesse feito entrevista, a entrevistadora não me selecionaria porque eu não sabia nada de arte contemporânea.

Mas é, como o Barmak me indicou e ele tinha um lugar ali né tipo de... Então vamos lá, tá precisando de mais um olhar ali, é uma boa pessoa, aprende. Aí me internei na arte contemporânea, fui em todas as galerias da cidade de São Paulo, fui em todas as exposições, assisti todos os vídeos. Super me gabaritei assim tipo de verdade na arte contemporânea pra entender o que era a Bienal de arte, para poder ser supervisor, porque eu não tava na posição de educador, eu tinha que supervisionar educadores que iam trabalhar na exposição. Então pensar o que que era gestão foi onde consegui colocar Paulo Freire e Gestão Democrática de Grupos na prática, foi nesse trabalho.

E em paralelo a isso, abriu uma vaga aqui no Acaia, de educador de biblioteca, me candidatei também e acabei passando na entrevista e conciliei esses dois lugares como trabalho. E aí começam tipo, pô beleza, fiz a faculdade, consegui emprego, aqui é CLT. Essa vida que se faz aí. E aí começa toda uma vida institucional. Volto pra universidade, faço mestrado, não sei se eu tenho, sempre me incomodou a ideia de ter muita coisa escrita e pouca coisa lida. Sempre essa sensação de que se eu acho que isso aqui, isso que eu pensei, não deve ser tão original assim. Não sou. Eu não sou tão esperto assim de, alguém escrever isso, com certeza eu tenho que ler. Então tive uma visão mais pra ler do que para escrever. Pensei nisso num primeiro momento. Fiz uma pós em contação de histórias pela Casa Tombada, que é o Instituto de Cultura que tem aqui em São Paulo.

E aí começou a abrir um pouco essa outra vertente né? Como é que eu posso utilizar as histórias a serviço daquilo que eu faço? Porque eu já sabia ali nos estágios que, quando eu me aventurava a brincar ali de contar histórias, tinha, tinha um jeito diferente né? Esse lugar da palavra artística, a palavra trabalhada, a palavra performática.

E aí, quando cheguei aqui, uma das minhas funções que falaram “ó, você tem que aqui, cê é dono desse espaço, é um espaço que a gente quer que as pessoas ocupem mais e tal”. Tava até retomando isso, a gente chega aqui e a quantidade de jogos e de livros era igual, então tinham muito mais espaço com jogos que com livros. E aqui um espaço de ateliê, que você tinha argila, capoeira, audiovisual, culinária, xilogravura, todas as artes visuais disponíveis e uma biblioteca. E o Magno não escolheria nem biblioteca para (risos). Então tinha esse desafio de fazer isso um lugar atrativo, e uma vez por semana contar uma história para todas as crianças e depois para todos os adolescentes. Aí eu tinha só umas quatro ou cinco histórias na cabeça, que eu achava que eram boas de pesquisa minha. E daí depois resolvi estudar e me aprofundar na arte de contar histórias.

Laura

Então foi uma coisa que surgiu aqui assim? Você já tinha tido umas experiências, mas assim.

Magno

É complexo né? Porque surge aqui, mas aí você vai pegando, porque que surge também? porque poderia surgir qualquer outra coisa. Podia fazer uma pós em literatura, podia fazer uma pós em alfabetização, até porque afinal de contas, muitos que nem entravam aqui porque falavam que para entrar na biblioteca tinha que saber ler. E a gente sabe hoje, na pesquisa, que a biblioteca é o espaço das palavras, sejam elas escritas, faladas, xingadas né? pisoteadas, enfim.

Mas er.. aí volta né? o que que? Porque, quando a gente pergunta qual é a nossa formação, a primeira coisa que vem são as acadêmicas. É, mas tem uma outra formação assim, que é aquela que eu até anunciei um pouco ali no Adão e Eva, do meu pai, da minha tia, que é essa formação da palavra que existe dentro do meu núcleo familiar e de muitos núcleos familiares brasileiros, que são das anedotas, das contação de histórias.

Minha avó era uma boa contadora de histórias, então ela contava histórias de medo assim porque ela tinha sete, sete filhos, cinco meninas, todas dormiam na mesma cama. Como é que faz para dormir?

Vai. Tipo, eu tinha duas irmãs, mas eu ficava no quarto lá em casa, ficava no quarto do lado e assim eu acordava no meio da noite e tereteteretete... E você é gêmea né? (risos). Então é isso, tem hora que deve dar uma enjoada, mas há muito assunto pra se tocar né? (risos). E eu ficava imaginando, pô se as duas tem, imagina cinco na mesma cama! (risos).

Eai minha avó contava a história da mulher do teto, que toda vez que alguém conversa depois que ela fala boa noite, não sempre, mas pode aparecer uma mulher e ela meio que, meio que vai derretendo assim do teto até: Pá! cair. Não vou fazer isso por causa da câmera. (risos). Por causa do barulho, mas aí faz Pá! Então acho melhor vocês não conversarem...

Porque como o espaço, Guaianases, daquela época, a energia elétrica chega muito tempo depois. Tem todas essas coisas dos mistérios, dos encantamentos. Algumas coisas elas são factíveis mesmo. Acaba acontecendo.

Quando eu tinha 15 anos, uma professora pediu fazer um trabalho com alguém mais velho para contar histórias, para gravar uma fita cassete, e eu fui conversar com a minha vó. E com 15 anos ela me fez acreditar no Saci. (risos). Eu, super incrédulo, cético, das tecnologias né? Fui fazer exatas pensa. 15 anos, ela em cama, tipo meio debilitada, pra falar que o tio Emidio teve o contato com o Saci, ela pula pra trás do sofá, mas ela estava doente. Como ela pula para trás do sofá para imitar o Saci? Sai uma e ririririri. E ela conta e conta, e tinha uns graves na voz dela também. Uma coisa muito séria, muito sério.

E é assim, isso é uma coisa muito, você vai e você não entende isso como formação, mas se pensar que... Por isso que eu acho que é injusto dizer que foi aqui que comecei a perceber. Acho que é, e aí quando você vai para o teatro, trabalho muito tempo com o grupo La Mínima, grupo de circo-teatro, acho que vale uma pesquisa né? sobre a pesquisa, sobre a grandiosidade que é a pesquisa de dupla de palhaço, de usar espaços não usuais pra fazer circo, da... de todo o trabalho de pesquisa que eles desenvolvem, e eu, sei lá, espetáculos que eu fiz mais de trezentas vezes o mesmo espetáculo. Então, por osmose, o seu corpo também vai entendendo o ritmo de plateia ali, então você pensa assim em criar um suspense. Você sabe que você deixa isso aqui para a próxima.

Isso tudo pensar, a avó, o La Mínima, a pedagogia, a pôs em contação de histórias e o Magno que sai para dar aula, o meu pensamento, e daí por causa da Bienal também eu trabalho no Tomie Ohtake. Eu tenho essa (inaudível) ao Joseph Beuys, que ele pensa a aula como espetáculo, então eu pensar uma aula como espetáculo que tem começo, tem o meio, o fim, tem o clímax, tem aquele momento de suspense, momento de alta concentração, momento de alargar uma respiração, né? A aula como uma coisa mais orgânica, aí que as pessoas sintam-se bem quando chegam, e vão embora com saudades para voltar outro tempo, encarar isso como um desafio de todo encontro.

É o que me forma, o que me dá uma característica. E hoje estou aqui na gestão da escola, por exemplo, e a minha função é buscar aí na poética de cada um, educador, o que é aquilo que ele tem de potência. Porque minha potência caiu na oralidade, caiu no palhaço, das brincadeiras que tem. Mas tem outras que tem uma introspecção mais tímida, mas tem uma intelectualidade. A Biblioteca pô, é o lugar do nerd. Lógico que é. É o cara que fica horas deparando sobre um conhecimento e tals. Tinha um professor que tinha o dia nerd aqui, que era o dia com uma oficina e cada um determinava um tema que quer estudar muito. A menina queria saber chinês. Ninguém é professor de chinês. Você, você sabe falar chinês?

Laura

Ele, ele sabe. (risos).

Magno

Pô é isso, tem uma questão de entonações. Não é só o que está escrito, mas também tem... enfim, um mundo imenso e uma criança de oito anos, um professor que é do Ermelino Matarazzo, que nunca estudou chinês na vida, que ela quer saber sobre o chinês, a biblioteca cabe. Porque com oito anos, o que cê pode fazer? Conta até dez em chinês para você tá bom? Né pra ela é um puto de um avanço. Né? Nossa, ela sabe contar até dez em chinês. Quem sabe contar até dez em chinês? Você sabe contar até dez em chinês? Não tenho a menor ideia também. Mas ela sabe! Quer dizer, sabia, não sei se ela continuou pesquisando isso, mas é... possibilitar conexões.

Então, meu primo, ele vai fazer um espetáculo, meu primo é ator, que também tem uma formação importante nisso. A gente vive... Eu moro com meu primo durante onze anos. Ele é ator. Então, na convivência, pelas brincadeiras do dia a dia, do cotidiano, ele se permitia fazer né? Tipo uma visão artística da vida mesmo, não cair numa rotina também. Isso vai moldando. E ele foi fazer um espetáculo na China, que é um espetáculo que ele não tem, não tem texto. Então ele conhece alguém chinês e daí te mandam uma carta com o que ela sabia em chinês para essa pessoa chinês responder em chinês. Então cê cria...

E outra, a pessoa saber chinês, você tá muito além da língua. É uma cultura né? O que que a gente, o que eu já consigo romper de preconceito em relação ao que a sociedade coloca ao chinês, made in china, que é o Paraguai, que é uma coisa, que é uma visão hegemônica.

Então... é o nerd, é a pessoa que vai ficar ali estudando. Mas ao mesmo tempo, como é um espaço público, ou publicizável, que é a biblioteca, não compete a ele ficar sozinho. Teve que fazer um cartaz, tem que comunicar o que ele tá pesquisando. Tem um que foi fazer a árvore genealógica dos deuses gregos. Então, quem é mãe de quem? Porque isso é uma confusão mesmo.

Laura

É, difícil!

Magno

Então você chegar, nossa, foi uma pesquisa de quatro anos. O cara, o cara ficou quatro anos vindo toda quarta feira na biblioteca, quatro anos, só pra estudar os deuses gregos. E daí, como foi? Cheguei, chegou uma outra menina, que ela começa a falar “mas por que tem que ser os gregos? Vamo estudar, eu quero fazer a árvore genealógica dos orixás, quero saber quais são as cores, as saudações”. E ela faz um painel com isso. Então aqui é um espaço que tem esse tempo, essa proeza.

Por isso eu acho que é um lugar de educação que eu acredito mais do que... as coisas mais duras, obrigatórias né? Mas não dá para fazer em todos os lugares. Então a gente tem que encontrar dentro das possibilidades de educação, o que dá para se fazer. Quais são as ferramentas que eu vou adquirindo, que você adquire? Você provavelmente vai dar aula em algum momento, não sei, é a sua pretensão dar aula? Você tá ali né, só?

Laura

É, acho que sim. Agora eu estagio em escola né? E dar aula mais pra frente.

Magno

É, mas eu acho que é quais ferramentas você vai adquirindo.. Cada contexto que você vem, você vai precisar do máximo de ferramentas possíveis. E como cê se reinventa? Que contexto é esse? Eu sou

nascido na periferia de São Paulo, na Zona Leste, as pessoas da zona sul da Zona Norte, e aqui é uma favela dentro de uma área que não é periférica. A gente está falando do Parque Villa Lobos. Então como é que é ter uma favela aqui? E o que que de específico tem no crescer, culturalmente falando dessa favela, que é uma favela pequena, não é uma favela grande. É... são duas favelas e um conjunto habitacional, com iminência de se tornar tudo conjunto habitacional, então tem uma luta por moradia muito forte, ao mesmo tempo que toda vez é cortada quando troca o mandato, essas coisas.

Então, o que que é importante ter numa biblioteca? Importante ter nessa escola? Então, acho que cada escola é um desafio. E eu acho que a arte, nesse sentido, é pensar a arte como artista né? A gente tava falando né, tem essa moça que ela começou a dar oficina aqui com a gente de biblioteca. Ela é atriz. Eu falei olha, a gente tem uma premissa, a gente trabalha com a palavra, nisso você é uma artista. Que que uma artista pode uma hora, uma hora por semana, com crianças de cinco, seis anos, você como artista, o que você acha que é fundamental, pensa na palavra. E ela começa “nossa que aberto isso! Não, é muita, muita abertura, meu Deus, eu tenho que... eu preciso de mais regras”. E a gente brinca, “não, não! Você precisa fluir artisticamente”. A criação artística... não sei qual área que você brinca mais na arte?

Laura

É, to meio experimentando de tudo assim, eu gosto... de escultura, de desenho, de gravura. Eu sou muito não tecnológica assim. (risos).

Magno

É eu percebi (risos). Tá tudo bem também. Tendo o espaço certo, a biblioteca acho que é um dos espaços mais analógicos.

Laura

É, bem analógico.

Magno

Que é o espaço da conversa, da troca de ideia. Mas é isso. Se você for querer criar uma identidade sua, uma linha, uma linguagem que você desenvolva, se aplique. Você precisa desse tempo. Você precisa desse, desse burilar. Você precisa se dedicar a isso. E acho que, acho que o trabalho de arte talvez esteja nisso. E é trabalhar, provocar professores, repensar esse lugar de arte.

E isso não é só eu que tô inventando tá? Paulo Freire né? Paulo Freire traz muito isso. A gente tem que ser criador, a gente é criador, a gente cria, porque o mundo que a gente vive não basta. É como ele mesmo diz, o mundo não é, ele está sendo. Se ele está sendo, está sendo, porque quem? Quem é que tá promovendo, né? Teve um educador aqui que falou que se colocar em prol da transformação é se colocar em risco, em risco. O desenho é risco também. Então acho que é... É isso, o que tá em risco o tempo inteiro e tá tentando entender as diferentes narrativas que tem dentro de uma escola.

Não sei, a gente tava num lugar aí, a gente foi para outro. (risos).

Laura

Não, mas eu acho que...

Magno

O meu pensamento não é muito linear assim...

Laura

Mas é, aí eu tenho até ficar vendo o que que foi, o que que não foi. Mas eu acho que está sendo muito, muito bom.

Magno

É nesse lugar mesmo? Era isso que você queria?

Laura

Não, total (risos). Não, tá super tipo, tá abrangendo tudo assim. E eu até fico assim, aí, parece que você já falou tanta coisa. (risos).

Magno

Não, mas a gente pode repetir alguns assuntos, porque assim cada uma das coisas que eu falei, eu estou pincelando né? Porque é muito tempo fazendo esse negócio né? E... não sei se conhece essa outra contadora de histórias chamada Kiara Terra?

Laura

Acho que não.

Magno

Kiara Terra é uma boa contadora de histórias. Eu gosto muito do trabalho dela e em algum momento dei umas procuradas assim, tipo de ver como ela faz. Não é o jeito que eu conto histórias né? Cada um tem o seu. Algumas se assemelham ao outro. Mas é um jeito que eu paro para assistir, que eu gosto e ela vende muito curso de contação de histórias. Fiz um dos cursos dela. Nem foi um curso, foi um ciclo de estudos em que eu participava também. E pude assistir os outros também que estavam palestrando e assisti o dela. E alguém falou “nossa Kiara, mas não dá para contar história que nem você, porque você é muito boa, você é muito boa”. Daí ela falava “gente, qualquer pessoa que faz uma mesma coisa por 20 anos. Se você tem coração e pensamento crítico sobre o que se faz, fica bom nisso”. Um mecânico de 20 anos, que não parou no tempo, que resolveu se atualizar, é um super mecânico. Um advogado de 20 anos, com certeza você tem mais chance de ganhar, porque há 20 anos ele tá fazendo isso bem.

Eu falo de pessoas que trabalham bem com aquilo, então, com rigor naquilo. Eu comecei a trabalhar em 2005, com educação, como estágio. Em 2006 já era professor de sala, ainda na faculdade, naquela loucura, na São Remo, lá da USP. Então, então é muito tempo pensando esse negócio, muito tempo tomando na cabeça né? Sabendo que aquela fê estudantil de ocupação da reitoria, que eu fui dessa geração da ocupação da reitoria, não seriamente nos espaços institucionais antigos, mais velhos, como a escola, funciona. E aí você tem que negociar.

E aí voltando a... política institucional. É tipo isso. Cê tem uma frente ampla, em todas as escola que você faz. É tipo o PT governando na frente ampla. Tem a galera do agronegócio gente, e você quer fazer o que com eles? Não tem como, não posso matar porque não é o principio, tipo ah, isso não pode deixar de existir, porque também tem na vida de ver a tal da diversidade, a falcatura, picaretagem...

E isso está nas escolas também. E que eu vou fazer? Vou fechar minha cara e não faço parceria? Não posso, porque eu tenho um dever público com a educação dessas crianças, desses adolescentes aí, que tem que chegar num acordo como adulto que somos. Então, e aí é repensar a própria escola.

Eu não sei se você já tem acesso aos bastidores do que é uma sala de professores, mas muitos lugares são muito tóxicos e danosos. As pessoas falam que é picuinha, cara, é coisa de escola... Mas se a gente trocar pela palavra assédio, a gente ganha outros contornos. Muitas pessoas têm suas vidas destruídas no espaço escolar, e eu to falando destruído mesmo. Você vê professores de rede pública e até particular de 20, 30 anos na mesma escola, você vê corpos adoecidos, pessoas que abdicaram do seu

final de semana para corrigir provas. E a primeira ação era só uma prova. De repente é para fazer um planejamento. De repente, na 25 de março, comprando coisas com seu próprio salário, que já não é um grande salário. É uma vida de sacrifício que você se acha uma arte que vai resolver o problema da educação tal qual eu pensava antes de entrar na faculdade e que se esse pensamento não é amadurecido e que se a gente não tem uma corresponsabilização, corresponsabilização é: o meu estudo, o meu rigor metodológico, metódico, a minha seriedade com aquilo que eu estou passando, minha visão política.

Mais... familiares, escuta desses familiares. Na Faculdade de Educação tinha professor, estudantes, que reclamavam que tinha muita participação de familiar na escola, porque ele fica atrapalhando “ah lá o pai vem reclamar do jeito que eu vim na aula”. Mas você tem que prestar contas, é uma corresponsabilidade. As pessoas têm que saber o que está acontecendo. Do estudante que é colocado em segundo plano, como se fosse um objeto ali que... É moldável, sendo que ele tem histórias né?

Você, quantas histórias, cê tem? Quantas histórias cada ser já carrega com quatro anos? Tem criança de cinco anos que fala “Antigamente eu era assim” com cinco anos. Eu tenho antigamente. E é assim, quando você sai dos dois para os quatro, você dobrou o tempo de vida no mundo. Quanta coisa aconteceu? E você ignora o familiar dessa pessoa, o contexto, ignora, ignora...essa criança. O grupo de gestão escolar que você tem uma coordenação, tem uma direção, que não é por acaso que existe isso.

Aparelhos culturais! As escolas não estão, na sua maioria, desenvolvendo articulações com aparelhos culturais e com movimentos sociais. E o movimento social, com a questão de não ter movimento social, mas social tá na pauta do momento. Estão ali reivindicando, estão militando. Esses caras tem que tá na escola porque tá fresco para eles. Estão estudando isso. Professor não consegue dar conta de todos os conteúdos, chama o coletivo de hip hop, chama o coletivo de grafite, chama o coletivo feminista, chama o coletivo LGBTQIA+PM.

Não sei. Tipo, é uma corresponsabilização, né? Aquela coisa que o Krenak fala, e que esses lugares ancestrais africanos, é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança. É preciso, é uma rede. Hoje o grupo de mães fala muito sobre a importância de uma rede. Não, porque você não consegue fazer uma vida na sociedade capitalista que é São Paulo e criar um filho sem ser terceirização. Por isso que precisa de escola de período integral, ou a gente precisa de uma educação de período integral. Que debate a gente vai enfrentar? Quando a gente vai querer? Quem está sendo escutado nesse debate? Quem tá chegando, como é que se inteira daquilo que já foi debatido, que hoje já não faz mais sentido? Ou ainda faz?

Porque você tá chegando na escola, essa coisa de estágio. Na minha opinião, seria de você ver o que está acontecendo e você com seu frescor, do seu tempo, das suas referências, das suas leituras, das suas vivências, da sua vida de São Paulo - Rio e Rio - São Paulo. Porque é isso. Cê é filha de carioca tipo, como é que é uma carioca em São Paulo né? Como é que é isso? Vamos fazer uma praia, nesse negócio que melhora muito a vida. (risos).

Tem dúvida disso? Não tem, não tem. (risos). Limpa o rio! Né? A gente não precisa de uma praia, limpa o Rio Pinheiros.

Laura

Já serve!

Magno

Não, anos que ele está sujo. Não é muita coisa. Quando eu nasci, tinham lugares que tavam mais limpos. Meu tio nadou no rio. Ele tá vivo, pensa. A idade de um rio e o tempo que ele tá poluído, é curtíssimo. Se em curtíssimo tempo a gente conseguiu poluir, em curtíssimo tempo a gente consegue despoluir. E a gente desestressa essa cidade.

Você precisa de ser, o biólogo aqui presente Bryan! (risos). O projeto, faça isso Bryan! Você tem que fazer, pelo amor de Deus. O Dória propôs isso. (risos). Você tem que propor mais, pelo amor de Deus. Sabe, porque é isso, não tem trânsito para ir mais pra praia, porque você curte aqui, vai nadar. Mas veja, esse é o lugar da escola. A escola é o lugar. É um microcosmo da sociedade, mas ao mesmo tempo é um simulacro daquilo que ela poderia ser, a sociedade. Então, a gente tem que plantar sonhos, é o lugar... E de novo, aí volta o lugar da arte, é o lugar de ateliê né? De experimentar.

Como teve, uma situação grave, por exemplo, o ataque das escolas que teve. Essa, essa ameaça que houvesse um ataque à escola depois da morte da professora, uma ali na região do Butantã mesmo, foi ali dentro, o nome da estação de metrô, qual o nome dela? Esqueci.

Bryan

Vila Sônia

Magno

Vila Sônia é, estação Vila Sônia, tem o nome dela, a professora. E que bom que põe o nome, porque a gente pode consultar o nome pra gente não esquecer esse nome, porque é isso, é tanta coisa que a gente vai esquecendo. Coisas que são importantes. A gente não pode esquecer que um estudante entrou e matou uma professora dentro de uma escola, ou que matasse qualquer outra pessoa. Alguém atentou com aquilo que há de mais precioso enquanto humanos que compartilhamos, que é a nossa própria vida e a nossa vida em comum. Não chega, tem um limite, a gente não pode matar.

É tão grave, é tão grave que, apesar de a polícia brasileira, uma das que mais mata, ela mata de maneira ilegal, não é legalizada. Não tem pena de morte no Brasil. É tão grave que um país genocida como Brasil, nem um país tão genocida como o Brasil autorizou a pena de morte. Só pra gente ter uma dimensão de como a vida é importante. E aí entra numa escola, um estudante, e mata a professora com intenção de matar um outro estudante. Uma professora que foi tentar separar a briga, uma professora, já aposentada, foi tentar separar uma briga.

Veja. Veja que situação. Veja os corpos doentes. A professora não deveria estar trabalhando. Deveria tá vivendo numa chacinha em Atibaia, tipo que seja, uma ou qualquer outra coisa da vida dela. Ou mais, qual o lugar da terceira idade? Na sociedade que a gente vive? Eu tenho, são as bibliotecas públicas. Né, esse é um projeto que se o Magno virar presidente, conforme a 10 anos, vai pelas bibliotecas públicas, porque é o lugar das histórias. Quem vai guardar as histórias? Os mais velhos. Eu tenho uma dúvida... de caminhos amorosos. Pô, eu pergunto pro... Firmino. Firmino né? Nome de alguém mais velho, sei lá. Seu Firmino, na sua época, como é que você lidou com isso? Assim, sem o menor compromisso. Mas é. A gente pode se surpreender muito com as respostas. Só que a gente não tem os espaços para as conversas.

Mas tinha pensado nisso porque aqui começou uma catarse, sim, de... de e se entrar alguém aqui para matar? Porque em paralelo teve um cara que pulou o muro de uma creche, matou as crianças. E uma das cenas mais trágicas né? O pai foi buscar a criança e voltou só com a mochila. Então, tipo são histórias, que a gente não pode parar de contar. Pra mim eu tenho histórias que a gente não pode parar de contar. Essa é uma delas.

E começou um medo das crianças, que foi entrar em desespero. Se entrar aqui, o que a gente vai fazer? Vou me esconder em tal lugar... Alguns brincando, mas alguns muito sérios. Uma tremendo, assim, tremendo falou assim, eu falei “não, se vier aqui, pode deixar que a gente garante. Pode ficar tranquilo, deixar aqui, ó o meu tamanho, você acha que alguém vai vim aqui?”. Ficou tranquilo né? As crianças saíram e eu falei “Professora, eu também tô com medo”. A gente não tem dimensão do que que é isso. A gente não sabe, a gente não pode pôr em risco, a gente não tem que ter resposta para tudo, mas a que... A gente parou a escola, a gente mandou recado para os familiares. A gente precisa, precisa pensar.

A gente parou a equipe inteira, equipe inteira, tanto de professores como de funcionários. Fizemos rodas, conversas e aí vem as atitudes que são desesperadas do momento, vão colocar mais segurança, tem que armar o segurança aqui da escola. Daí eu falei gente. Vamos lá. Isso foi uma defesa minha, eu estava no meu grupo, tinha um grupo bem heterogêneo. Sim, estava em nossas ideias. Eu entendo o medo. Também to. Mas veja, em algum momento da sociedade, não tivemos muros. Depois de um tempo, fizeram umas muretinhas, que aí o cachorro chato vai ao lado para o outro, não, vamos fazer muretinha, galinha ia pro quintal do vizinho. E aí, depois esse muro era baixo demais, começa a aumentar o muro. Daí o muro já não suficiente, porque as pessoas começaram a saber o que está acontecendo do outro lado, saber o que tem, pula o muro muito fácil. Coloca aqueles caquinho de vidro. Se não põe, põe arame farpado aqui. Não suficiente, você coloca cerca elétrica. Aqui você vê se põe sensores juntos e câmeras e daí você põe uma guarita com guarda. Esse guarda ele está com cassetete, do cassetete vai para a arma, uma bala de borracha, um revólver e daqui a pouco gente, a gente vai estar com alguém com lanças, lança chamas na porta dessa escola. Eu sei que a gente tá com medo, mas eu não sei se a solução que a gente tá arrumando vai tirar ele da gente.

E aí o segurança, que tava nesse grupo, ele falou assim “por experiência, estou há dez anos trabalhando aqui na portaria”. Porteiro. O Paulo. “tô a dez anos trabalhando aqui e para mim a maior segurança é essa aqui ó”. A partir do momento que a gente vai, dialoga e conversa, já viu, fulano tem problemas aqui de entrada e você sabe onde que mora ele, você sabe onde vai conversar, se tem família por perto. Isso aqui é um espaço que é, que é das pessoas. Não tem porque ninguém tem que esconder ninguém, ninguém tem problemas com esse espaço. E o cara que é um segurança. O segurança não estava defendendo mais,

E com as crianças, a gente começou a inventar o que a gente poderia fazer. Então aí, não sei se você viu na entrada, tem fotos né? E aí tem a frase do Silvio Almeida, “vocês existem, são importantes para nós”, né, que foi o discurso de posse dele da Comissão de Direitos Humanos.

A gente saiu aqui da biblioteca, a gente, a gente precisa mostrar para as pessoas que a gente, quem é que a gente é, a gente é filho de quem, a gente é importante para essas pessoas. A gente é importante para os nossos pais. Ninguém pode tirar essa vida que, de repente, você quer tirar a vida que também é importante para alguém e a gente tem que mostrar para ela que também é importante. E aí começa as fotos antigas, a gente tá trocando de tempos em tempos. São fotos, são 20 anos de escola e acaba virando um mural que as pessoas veem. “Olha eu aqui, eu também já fiz essa escola”.

E aí começa a voltar, e aí “a gente devia escrever uma carta para o Lula”. Eu falei “é lógico, mas tem que ser uma carta com conteúdo (inaudível)”. “Magno eu já sei”. “O que?”. “Como a gente devia fazer uma carta para o Lula, ele precisa nos escutar”. Eu falei “com certeza”. E a gente passa umas 4 aulas de biblioteca escrevendo uma carta e daí a gente chega e fala assim, chega a conclusão que de repente não é para o Lula que a gente tem que escrever, no meio do fazer né? E primeiro a gente abarca, ele não vai ler nunca. Poderia até ler né? Do jeito que algumas coisas vão viralizando hoje. Mas a gente chega a conclusão que a carta tem que ser para a gente mesmo. Isso que a gente gosta desse espaço, como é que a gente cuida desse espaço e como que a gente faz que muito mais pessoas também acessem esse espaço.

E no dia que as escolas fecharam, a gente com os familiares, a gente resolveu abrir a escola e todo mundo veio. A gente escolheu usar as roupas brancas porque, mostrar que esse lugar está aberto. Os familiares participaram de atividades durante o dia. A escola não fechou. Seria uma escola que eles teriam que se virar dentro de casa, com as crianças dentro, fechados porque estava uma ameaça de ataques pela internet. E a gente resolveu... depois de muita construção, de uma parada, de um consenso né, todo um retorno de pensar o que que é a escola, o que que é a educação...

Estamos só com essa câmera agora. (risos).

De construção e... Como que a gente faz o contrário? A gente abriu os portões, a gente ficou mais seguro com todo mundo, com vários adultos aqui dentro, com tudo, fazendo brincadeiras, lendo livros

né, e sendo optativo. Quem estava com medo foi respeitado. E ninguém é obrigado a vir em um contexto desses. Mas também a gente estava muito seguro de que esse era o melhor caminho que a gente estava fazendo em relação à educação. Tipo, pensando que é o lugar das trocas, a gente não pode se privar. Um nunca. As decisões difíceis. Veja, tipo, e o tempo inteiro decisão, a gente lida com situações extremas. A população, tanto as pessoas de classe média, média alta, como populações de extrema pobreza que estão na favela, tem dilemas que são do cotidiano, nossa, que são muito múltiplos e cada um tem o seu, tem que ter seu cuidado. Cada um tem sua história para ser contada, tem sua história para ser escutada e sua história para ser cuidada.

Laura

E pra construir junto.

Magno

E tudo isso tem a ver com a contação de histórias. Que histórias que a gente escolhe contar? Que história a gente escolhe cuidar? Tem um espaço de biblioteca como esse daqui né, tipo tem que fazer uma seleção. Não cabe todos os livros do mundo. Que livros a gente escolhe? A gente escolhe? ou tão escolhendo pela gente. Aí vai várias coisas né?

Daí as histórias, tem várias histórias que falam sobre a importância da gente desenvolver nossas escolhas. Né, são histórias filosóficas, que a gente pensa sobre a vida. Tem uma performance que eu faço há muitos anos, que é usar as meias trocadas... parece uma grande bobagem, assim com os pequenos, eles começam a perguntar que eu tô... afirmar né, que eu to com a meia errada.

Daí eu falo “Não, quem tá errado é você”. Daí “não, eu to com a meia, com a meia certa”. “Mas quem disse pra você que é a certa?”. “A minha mãe”. “Pergunta pra ela quem foi que disse”. No outro dia, “ah minha mãe não sabia quem foi que disse”. Falei “você tá seguindo uma regra que você nem sabe quem foi que mandou. Quem mandou que as meias têm que ser iguais? Se fosse pra ser meia não chamava nem meia, chamava inteira. Porque é meia né? Metade, não é nem meia né?”.

Então, aí começa a brincar com essa ideia desde pequeno, que você não precisa, na verdade, seguir algumas coisas porque todo mundo faz. E essa criança que começa a falar que estava errado, começa a me encher o saco, no sentido de tirar o sarro “ah não sabe se vestir”, “fora de moda”, “bagunceiro”. Depois de começar a questionar, ele começa a vir de meias trocadas. Então, hoje a gente tem um movimento aqui que é o da pelfie, que é a selfie de pé, e toda vez que alguém vem com a meia trocada, vem me procurar pra tirar uma pelfie. E eu vou fazer um jogo da memória depois com essas fotos, que se você achar o par, você perde, porque é ao contrário, você não tem que achar o par. (risos).

Então é... mas veja de novo, é se utilizar de uma, de uma bobeira, pode se chamar de uma bobeira né? Trocar meias. Mas assim, a partir do momento que ele troca a meia, ele está pensando na aula logo que ele acorda, porque ele tem que se vestir, e quando ele se veste, ele não pega a meia igual mais, ele tem que trocar a meia dele, porque é nesse ponto, na casa dele, ele já tá em conexão com essa aula que eu vou dar para ele, com essa escola que eu sou diretor ou o coordenador pedagógico, ele já está em conexão com esse espaço, ele já está se organizando para chegar aqui. Para que a gente tenha o encontro, que é o lugar dos afetos, que é o lugar da... que é o lugar que a gente vai viver outras histórias e aí compete a mim, tipo fazer as brincadeiras com isso. Então eles vêm pra tirar uma pelfie e aí quinta feira é o dia já das meias trocadas embora tem que ser listradas. Enfim, as novas invenções. Aí a gente tem que concentrar o maior número de pessoas vindo de meias trocadas, porque a gente vai causar a revolução. E tem uma menina Rosa, a Rosa “É!”, que ela quer ver a revolução!

Quando eu fui contar a história no Quintal da Cultura, eu fui de meias trocadas, aí eu falei “é, a revolução será televisionada!”. Tipo, o menino foi fazer intercâmbio, a mãe dele foi fazer intercâmbio no doutorado, nos Estados Unidos. E ele era um grande militante das meias trocadas. Porque a gente

começa a criar as militâncias ali né? (risos). E ele conseguiu convencer a turma dele, nos Estados Unidos, de usar as meias trocadas. Então é uma coisa que não tem mais fim.

Laura

Meu deus. (risos). Internacional.

Magno

Essa luta, ela é longa né? Mas é uma grande brincadeira. Mas para tudo, porque é isso, né? Como a gente faz para engajar outras pessoas nessa causa? Então, tudo isso já é uma brincadeira de aprendizado, de organização coletiva né? Nós cinco... a gente precisa de um grande evento. A gente precisa mostrar para as pessoas por que que isso é importante.

“Mas será que elas não percebem Magno?” Eu falei “(inaudível), é muita intelectualidade”. Daí eles começam a pensar e fritam nisso, e eu aqui por dentro falei “gente, eles estão gastando uma hora da vida deles pensando uma coisa aqui, que na real é invenção... é uma invencionice”. Tipo, então nem falo isso como regra, que todo mundo tem que usar meias trocadas em outras escolas, não é isso, mas de ser lugar de inventar. A escola ser o lugar dos absurdos que a gente, não é o lugar do não, é o lugar do sim. E se você é, você consegue fazer isso quando você tem um espaço que é seguro, que você confia que essas histórias, as mais absurdas, vão ter espaço para que elas aconteçam.

Nossa, tem umas criações aqui que meu Deus do céu, só... tem um menino que ele fez um, brincando de fast food, ele fez todo o ringue do McDonald's de papelão, então cê apertava um botão e saia uns cubos de fita crepe que estava como paralelepípedos mesmo, você colocava o copo assim e daí “cê quer suco do que?” “de uva”, e daí o canudinho? roxo. (risos). E cê ficava ali, tinha um hambúrguer feito de, de bordado com velcro para você fazer os dois hambúrgueres, alface, queijo, molho especial, cebola, picles e o pão com gergelim. Não sei. Tudo é como é que a gente subverte tudo isso que a cultura de massa vem trazendo como verdade né? Os desafios das redes sociais, dos algoritmos, das trends. Como que isso a gente traz para, para voltar, para refletir, para ter, para ter humanos mais interessantes na sociedade?

Viajei?

Laura

Não, não, mas. Mas é isso assim. Eu acho que tem tudo a ver com contação de história, com... que até o que eu queria te perguntar, assim como, como que é a contação para você assim, que é um campo que engloba muita coisa né? Então, tipo, acho que o que diferencia assim, acho que o seu trabalho, o jeito que você vê, que você lida com a palavra, né? Acho que de outras.

Magno

Acho que tentar entender a contação de histórias como uma arte é uma coisa, um desafio. Tipo com as pessoas em geral, acham que é, não sei o que acham, mas não acham que é arte. Tanto que a pós chama A arte de contar histórias, porque é uma arte, lidar com a palavra, a palavra performática, poética. E é a partir do momento que você entende que ela é a arte que você faz os paralelos necessários. Por exemplo, se a foto, Da Vinci fez o quadro da Mona Lisa, para quê? Você vai lá ver o quadro Da Vinci por que?

Acabou essa câmera.

Laura

Cabou, cabou.

Magno

E a gente vai continuar com essa. E isso. Bom trabalho de edição que você tem aí.

Laura

Tenta por pra carregar. É o fiozinho preto.

Magno

Mas também encerrar, que também tá dando o nosso tempo limitezinho aí. (inaudível) mais uma hora, cê vai ter um trabalho pra você. (inaudível).

Laura

São sete e quarenta. (risos).

Magno

Mas...Daí cê fica na discussão. A arte pra que serve? Ela serve? Quer dizer, é dessa pergunta de utilidade, ou não é? Que muitas vezes “Ah porque conta uma história para a gente Magno, sobre bruxa” porque? porque tipo nem gosto da ideia de bruxa assim. Né esse tipo, mulheres foram queimadas por causa dessa história, tipo, então... Que outros nomes? Tipo a partir das minhas reflexões, agora vai ter mulheres que vão defender, homens que vão defender, que sim tem que contar a história das bruxas. Eu falei gente “A quem interessa demonizar ou criar o estereótipo de que mulheres são ruins?” A quem? A quem? Para nossa sociedade. Veja tipo, escolher uma história também é uma outra arte. Porque cê não escolhe. Você tem princípios, tem premissas, tem reflexões, você tem fundamento, você tem conversa, tem uma sociedade, tem uma responsabilidade política sobre aquilo que você escolhe. Isso é o contador de histórias também.

Então, eu tenho as histórias que eu gosto de contar, porque para mim elas são importantes em muitos aspectos e ao mesmo tempo, ela tem algo de imponderável. Um poeta mineiro chamado Ricardo Aleixo ele fala que ele gosta de jogar as palavras no ar para ficar vendo elas voar. É um pouco isso o lugar da contação de histórias, tem uma importante, importância histórica, os seres humanos contam histórias. A gente tem vontade de contar histórias, os causos, têm essa formalidade dos contos, que são mais filosóficos, mas meu você foi na feira e você viu... Qual o nome da sua irmã?

Laura

Giulia.

Magno

A Giulia. Você viu a Giulia beijando outra menina que não era namorado, namorada, nem sei se ela tem ou não tem. E você? Você conhece, você tem uma super amiga, ou o Bryan, e você vai falar “Bryan meu Deus do céu!”. Então é assim, você vai contar com começo, meio e fim. Porque o Bryan... quando a pessoa conta uma fofoca, conta mal, a pessoa “não, mas pera aí”. Você interrompe a pessoa porque a pessoa, você quer desenhar na sua cabeça a cena.

E contar história é isso, é como é que você faz, que as pessoas entram em estado de suspensão, por algum momento da vida delas, a gente já não está mais aqui, a gente está nessa história, a gente está em suspensão. Por que é legal essa suspensão? porque você está avaliando, não é mais a sua vida, você tá vendo como é esse personagem, essa história, como é que... você consegue julgar melhor do que... daí você elabora tantas coisas boas e tão incríveis de inteligência com a história, que quando você volta, de algum jeito, você pega isso para você.

É tipo a fofoca, a fofoca ela, (inaudível) falou que a tia dela falou que, que ventila o coração, mas é que é esse lugar. Você está contando, é muito mais fácil a vida do outro, de você julgar do que sua

própria vida. Só que a partir do momento que você elabora a vida do outro, você traz coisas sobre você, você diz mais da pessoa, cê diz muito mais de você do que da pessoa. É o que você observa.

E na história é isso, quando você conta as histórias né? Tem... tantas histórias legais assim para se contar, porque elas provocam. E aí é o Magno contador de histórias, tem individualidade. E eu contador de histórias, eu gosto de histórias que mexem com... que movimentam, que tiram, tiram do eixo alguma, algumas certezas que a gente como sociedade vai inventando.

Então, por exemplo, quando eu vou para a ideia das mitologias, dos orixás, embora não seja de candomblé nem de terreiro, a figura do Exu é uma figura, uma figura que me interessa muito, porque é o orixá do movimento. Ele é o orixá das, das comunicações, é o cara que não consegue ver as coisas paradas. Então essa coisa quase Saci assim, de pregar peças, mas também de orientar e tal.

E tem muitas histórias de Exu que são muito interessantes pra “Mas o que você faria no lugar?”. Os contos dilemas da Região da, da África Ocidental, eu acho que é isso, eles não tem fim. E a gente pode pensar “ah é só uma história sem fim”. Não. Porque é uma história que é recorrentemente utilizada, um tipo de história que é recorrentemente utilizada em uma comunidade. E as histórias não tem fim, significa que você constrói esse final. Então você empodera as pessoas para que elas assumam a narrativa junto com você. Isso de maneira pedagógica, de uma sociedade, pô é muito legal. É muito legal você ter histórias, histórias que você passa a noite inteira debatendo o que o final poderia ser. Sei lá, por exemplo. A história do... do olho faltando. Tinha um homem que ele não tinha, vou contar uma história, da tempo né?

Laura

Conta, uma das, uma das perguntas era para pedir. (risos).

Magno

Pedir uma história. (risos).

Tava pensando qual aqui na cabeça, mas essa é curtinha. Acho que dá tempo. Mas eu vou contar aqui para você, um pouco conversar aqui com você. Que quando você tem uma plateia assim, você escolhe o que você faz, como que você entra na história, mas aqui tô com você que já tá conversando, já tem uma intimidade aí de conversa.

Mas tinha um homem que ele não tinha os olhos, não é que ele era cego, ele não tinha os dois glóbulos... os dois globos oculares. E curiosamente, bom ele não enxergava, lógico. E curiosamente, ele também acabou casando com uma mulher que também não tinha esses dois globos oculares. Não enxergava. O mais curioso, é que a mãe dele também não tinha e talvez não tão mais curioso assim, a mãe dela também não tinha. E os quatro viviam na mesma casa que eles construíram, uma casa um tanto torta, porque também não tinha essa precisão, viviam das providências que o quintal fornecia, então uma plantação, uma galinha né ali fazia. E num inverno muito rigoroso, a plantação não vingou e a galinha, as criações ali também foram se perdendo com o tempo. E eles acharam que era um tempo de encontrar outro lugar, uma cultura que as pessoas não necessariamente ficam fixas nos seus lugares. Normal. E aí foram caminhando, um apoiado no ombro do outro e aí foram caminhando, foram caminhando, caminhando... O homem que vinha à frente ele tropeçou em algo e foi ver o que, estranho, porque estava descalço e sentiu uma coisa diferente, ele abaixou, pegou, apalpou e como um ato de curiosidade humana, aquelas coisas que gente não consegue explicar, ele colocou no lugar do buraco que ele tinha... e era um olho. E ele estava enxergando tudo, pela primeira vez em sua vida. Era, era incrível. Ele falou “então é isso que o pessoal chama de azul, esse esse céu azul, o céu está azulzinho. Então é isso. Olha isso, olha como é a árvore”. Ele olha para sua esposa e, e percebe o quanto ela é bonita e olha pra sua mãe e pra sua sogra e não sabia que elas tinham envelhecido tanto. “Então é isso que, assim que as pessoas ficam”. E ele olhou pra baixo e tinha mais seis olhos.

Bom, tem um ditado popular que diz que em terra de cego, quem tem um olho é rei. Nesse caso, temos um problema invertido. Todo mundo ficaria com dois olhos e um desses quatro pessoas ficaria apenas com. Será que seria justo, ele que encontrou tudo isso, fica com um olho apenas. Será que ele teria coragem de deixar sua companheira com um olho? Será que ele continuaria gostando dela desse jeito? Será que deixaria a própria mãe, a sua própria mãe, com um olho? E será que a esposa dele perdoaria ele de deixar a própria mãe dela com um olho apenas? Laura, quem é que deveria ficar com um olho? É essa história, esse é o conto dilema.

E aí? Quando se abre pra...

Laura

Um grande debate.

Magno

Nossa horas, horas... E aí, você tem alguma hipótese?

Laura

Ai não sei.

Magno

Vai, na sua humanidade. Você ficaria com um?

Laura

Meu... porque um, já dá pra enxergar né?

Magno

Assim, dá... Todo mundo com dois, e você lá com um enxergando, é isso. Tudo bem para você? É isso.

Laura

É. Eu acho. Eu acho que eu, tipo eu faria isso. Eu acho que eu ficaria com um.

Magno

Mas cê conhece sua mãe né? Ela não deixaria você tomar essa decisão.

Laura

Não mesmo. (risos).

Magno

Como é que cê vai resolver isso?

Laura

É verdade.

Magno

A bater nela? (risos). Sai daqui sua estúpida! não né? (risos). Como é que resolve?

Laura

Aí faz um... unidunitê.

Magno

Unidunitê, aí que ideia ótima né? A pessoa faz Escola de Aplicação, veja só o estudante USP né? tipo artes visuais pra na hora do conflito vamos fazer Unidunitê, é Brasil, tá vendo?

Mas é isso tipo e o meu lugar como contador de histórias é esse advogado do diabo, que as pessoas usam essa expressão né? Então, promovendo todas as complicações. E o mais legal de ser contador de histórias há algum tempo, quanto mais vezes eu conto essa história mais respostas inusitadas eu vou tendo né? Teve um menino, que está até como estagiário agora, mas ele era uma criança ainda e ele fala assim “Bom, Magno é o seguinte então, daí no meio da roda, todo mundo sentado, ele levanta. Eu falei “bom, teremos uma arguição aqui nesse momento. Vamos lá”. “Você me disse então que, ninguém tinha olho certo?”. “Certo, João!”. “E que foram achados sete olhos no total, certo?”. Eu falei “certo”. “As outras pessoas, quando esse homem achou, não viram certo?”. “Certo, não, só ele viu, porque só ele tinha o olho”. “Eu continuaria a vida como se estivesse cego e não contaria para ninguém e deixava os olhos lá”. (risos). Daí alguém falou “Que merda em João?”. “Mas tipo, é muito ruim a ideia?”. “É péssima sua ideia, é o desperdício de recurso!”. E aí começaram. Mas é importante cê saber que é um problema banal, e que é acessível qualquer pessoa ter opinião sobre isso. E conforme o tempo vai passando, você vai vendo opiniões dos mais velhos. Mas tem uma opinião de uma criança que ela falou assim “Bom, eles nasceram de pessoas que não tinham olhos, então se eles tiverem um filho, a chance desse bebê nascer sem olho é grande. Eu daria um olho para cada um e guardaria os outros pros próximos que aparecessem”.

Laura

Nossa.

Magno

Você tira o olho, tira a metáfora, a história e vai para qualquer outros problemas da sociedade. Não era o objetivo de uma história, mas uma história pode ser um bom letramento político. O que você faz quando não tem para todo mundo? Farinha pouca no pirão primeiro. Tipo, eu realmente preciso me cristianizar nesse lugar tipo de “eu vou ceder o meu olho” e tipo e legal, mas assim como você quer ceder seu olho, sua mãe também tem esse direito. A mãe do outro também tem esse direito e que é que no final a solução é: só vamos sair desse buraco se a gente conversar e consensuar.

Tem gente que fala a sogra a primeira, a mais, mas aí mesmo que, mesmo que custe seu casamento? Não porque é o que pode acontecer, depende de como, você passa por uma pessoa menos confiável. E essa ideia de que sogra é uma coisa ruim, essa é uma coisa que o Faustão inventou na televisão brasileira e as pessoas compram até hoje. Tem, aliás, tem sogra que é muito mais legal que a própria mãe... Porque é do outro né? (risos). Mais fácil, você não tá lá todo dia né? Então acho que dá para gente...

Mas veja, dependendo do que eu tô ali pegando e dos meus estudos, do que tô provocando, do que eu conheço. Por exemplo, eu falo da sua mãe porque eu conheço sua mãe. Tipo, eu só posso contar, eu só posso fazer... Não falaria pro Bryan, eu não sei se o bryan tem mãe. Né, tipo seria uma indelicadeza da minha parte fazer esse tipo de, de associação. Mas eu conheço sua mãe, de verdade conheço, eu fiz duas matérias com ela, a gente troca uma ideia, tem projeto juntos, é uma pessoa que eu tenho autoestima e dou risada junto, então eu sei... desse, desses lugares. Vi a publicação que ela colocou de aniversário de vocês duas (risos), do tipo essas coisas. Então, tipo, veja, o contador de histórias é aquele que conhece pra quem você conta. Por isso que esses eventos que me chamam para contar uma história uma única vez eu vou, mas eu não acho que é o melhor lugar. O meu lugar é esse, eu chego aqui, eu estou 14 anos aqui dentro, então tem gente que está na faculdade que eu dei aula, eu dei aula quando tava no fundamental 1. Então eu conheço... e o conhecer ela cria uma espécie de narrativa,

porque eu conto a história, essa pessoa pode voltar para mim, eu volto. Nem sou tão velho ainda, mas quando fizer 60 anos, vou estar acumulando essas...

É uma responsabilidade política o contador de histórias né? Toda sociedade tem que ter seu contador de histórias. Quem ocupa esse espaço hoje? A imprensa. É o Datena né? Cidade alerta é isso. Cidade alerta! Estamos aqui agora, sobrevoando... ele quer mostrar tudo, só que no meio de mostrar as notícias, ele fala do... porque como ele tem aquele relógio Rolex dele, aquelas pulseiras que ele usa, a gente sabe o nome da família dele. A gente conhece o Datena e temos a ilusão, por conta das falas, que ele nos conhece. Aí é cilada Bino... porque ele não tem um compromisso político, tem um compromisso com dinheiro, com a audiência, com os lucros, com, com mil outras coisas. To falando Datena mas to falando de toda a imprensa de maneira geral né? Nada contra a figura dele em específico, sim, também é. Mas tipo é, é como a gente tem se estruturado.

O meu TCC, que é um artigo que eu fiz é, é a relação justamente entre contação de histórias e notícias. Então é como é que algumas histórias viram notícias, por exemplo: a gente teve, acabou de ter um especial de 30 anos da morte do Ayrton Senna, um herói nacional. E não sabem quem é Abdias Nascimento. Abdias Nascimento, que fez o teatro, fez o Teatro Experimental do Negro, no meio da ditadura, organizou o Movimento Negro Unificado. Essa classificação do pardo e preto ser negro é uma das ideias do movimento que ele fazia coletivamente, porque tem uma ideia de país, ao Brasil, pros brasileiros, da Carolina Maria de Jesus, do Milton Santos, tá jogando com isso. Foi deputado, foi senador, tem, foi artista plástico, tem né tem uma notoriedade de escritos, de poemas, de peças de teatro. Ninguém sabe quando morreu, ninguém sabe quando é aniversário dele. E porque que a gente escolheu? Não foi a gente, mas por que foi escolhido Ayrton Senna como herói nacional? Um cara que dirigia carro para ganhar dinheiro? Desculpe, playboy... né? tipo, né? que pode ter as melhores intenções do mundo, mas pertence, pertence a essa classe. Porque eternizar essa história? Que é trazido pela Globo. Que afinal de contas ganha, ganha todos os direitos em relação ao fórmula 1 daquela época. A quem interessa essa narrativa? É o nosso povo? É a história que o Brasil tem que carregar? Eu não tenho... Pode ser que ele esteja notório, posso estar sendo injusto com Ayrton Senna, mas a questão é comparativa. Abdias Nascimento não ser... Tava conversando com a Raquel Alves, que também faz mestrado na, tá fazendo doutorado na FEUSP e tal, conversando, essas conversas de escola, e ela falou assim: tipo quando você vê a escola, as escolas literárias, o modernismo, por que não aparece o nome da Carolina Maria de Jesus? A gente sabe da notoriedade dela hoje. Tem exposição, tá no IMS, tava, viajou o Brasil, tem livros, reedições e publicações. O nome dela está sendo reescrito. Por que ela não aparece na Escola literária, sendo que ela foi contemporânea e dentro da escrita dela cabe todos o que a gente considera o que que era o modernismo? Por que ela não está nos livros didáticos? Porque que a gente escolheu não? Por que que isso é tardio ainda?

Então são essas histórias que a gente vai, vai escolhebd o contar ou deixar de contar. Isso molda a nossa caráter. Isso molda nosso povo, molda as nossas necessidades. Eu vou assistir Relâmpago McQueen, né como é que é o nome, carros né? Um filme feito sobre carros, um dos índices que mais poluem o meio ambiente. O Rio Pinheiros é sujo por causa das marginais. Voltamos de novo no rio. Bryan, não se distraia! O Rio Pinheiros limpo é o que eu espero de você, e vai ter que tirar as marginais, porque aprendi na matéria com a sua mãe que tem um negócio chamado mata ciliar e sem a mata ciliar a gente não tem a limpeza dos rios e nem área de escoamento. O rio foi retificado, isso eu aprendi na Natureza, cultura científica e educação. Tipo, a gente aprende algumas coisas e a gente... como a gente faz pra caminhar? Pensando o que, o que são as narrativas... que impedem esse...

Laura

É né, formam identidade.

Magno

Isso... que identidade, qual a identidade do país que a gente quer? E que país a gente quer? É, no final das contas, que país a gente quer? É uma pergunta que a gente não está fazendo. Se a gente tem algumas respostas em comum a gente sabe com quem que a gente anda e com quem que a gente vai debater. Agora, quando a gente vai na dos conteúdos que todo mundo acha que você concorda quando você vê a Luana Piovani defendendo praias, realmente a gente tá muito fodido. Desculpa, tipo a gente não pode esquecer que as pessoas capitalizam, tipo legal que ela trouxe a pauta, legal que ela xingou o Neymar, tem que xingar mesmo. Mas tipo... Porque a Luana Piovani é escutada e não Martha Marandino? Que já falou sobre isso! Né? Tipo, ela dá uma aula na faculdade de educação com as pessoas pegando as conchinhas. Ela falou “Então, tudo o que é habitat, do habitat pertence”. Se você tira as conchinhas, cê tá, tá alterando esse habitat. E todo mundo assim, “tá bom né?” (risos). E vai devolvendo. Né cê escuta, porque ela é uma cientista, ela estuda isso, embora tá na área dos museus e tudo mais, mas ela é uma cientista do museu, ela é uma acadêmica. Por que que a gente tem que escutar Luana Piovani? Olha que país a gente tá. Nada contra. Qualquer cidadão tem que se posicionar. Mas é isso. Por que que a gente não tá escutando especialistas que estudam sobre isso né? Pra confrontar, tem mais argumentos né? Quem é o Flávio Bolsonaro né, que tá trazendo isso? Qual é o moral que ele tem pra trazer uma pauta dessa né? Como é que o Senado reativa isso?

Nossa, é gente, tá tudo interligado e tá tudo na ação do que a gente acha que é o projeto de país. E aí eu acredito que a contação de histórias, como o lugar de construir narrativas, né o que tem de narrativo, desde o que a gente conversa aqui hoje, mas o que a gente coloca no currículo, ou o que a gente está obedecendo, obedecendo nos termos da lei, a lei 10.639, a lei 11.645. Por que que a gente tá fazendo desse jeito, por que que a gente não está fazendo de outro, como a gente tá trocando? deixando de trocar? São histórias que escolhe contar.

E acho que enfim, nessa entrevista mesmo eu citei várias pessoas e várias...

Laura

Referências.

Magno

E não é por acaso que eu cito, porque são pessoas que de algum jeito, uma grande maioria delas, nem todas, outras que acabei citando por conta da, do contexto da conversa, mas algumas no meio da conversa, eu sei que tem uma hora de transcrição, isso vai virar um material então tem uma oportunidade de colocar alguns nomes. Aí compete às pessoas a descobrirem. Existem nomes e aí a gente tem que saber o que fazer com eles né? Já não dá pra dormir sem saber que não sabia, eu não posso dizer mais que eu não sabia, que isso... “Ah, então não posso contar Chapeuzinho Vermelho?”. “Pode”. Né, uma história importante, para você saber que caminhos que cê tem, mas dentro das zilhões de histórias, cê tá contando essa porque você escolheu, ou porque alguém escolheu pra você e você está usando só as meias iguais?

É isso...

Não sei o que mais.

Laura

Não, eu acho que foi assim tudo e muito mais.

Magno

Achou mesmo?

Laura

Total, e é se tiver mais alguma coisa que você gostaria de falar?

Magno

Acho que é... Mas eu acho que você vai transcrever. Você vai escrever. Se você achou que ficou algum fio, que precisou de putz, aqui precisava amarrar isso aqui eu não to conseguindo, será que ele disse isso por causa disso? Manda o áudio, eu gravo, tudo certo. A edição de que eu falo naquele. (inaudível). Fechou?

Laura

Fechou! Sim, obrigada.